

## FUNDAMENTOS PARA UMA TEORIA GERAL DOS MECANISMOS EXPLANATÓRIOS: OBJETIVOS, METODOLOGIA E PRIMEIROS RESULTADOS DA PESQUISA

Virginia Sita Farias\*

### Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

**RESUMO:** *Entre os mecanismos explanatórios de que o lexicógrafo dispõe, a definição é, ao mesmo tempo, o mais empregado e o mais estudado. Apesar disso, não existe, até o momento, uma resposta satisfatória sobre como gerar definições elucidativas para algumas unidades léxicas. Nestes casos, a opção mais viável é o emprego de mecanismos explanatórios complementares (exemplos, ilustrações, pós-comentários). O problema da explanação do significado, portanto, não pode restringir-se a uma “teoria da definição lexicográfica”, mas deve ser tratado no âmbito de uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios”. Este trabalho apresenta os primeiros resultados de um projeto de tese de doutorado que visa oferecer a fundamentação para uma teoria dos mecanismos explanatórios.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *(Meta)lexicografia – Dicionários semasiológicos – Definição lexicográfica*

**RESUMEN:** *Entre los mecanismos de que dispone el lexicógrafo, la definición sobresale como el más empleado y, a la vez, el más estudiado. Pese a eso, no existe hasta el momento una respuesta satisfactoria sobre cómo generar definiciones elucidativas para algunas unidades léxicas. En estos casos la opción más viable es el empleo de mecanismos explicativos complementares (ejemplos, ilustraciones, poscomentarios). El problema de la elucidación del significado, por tanto, no puede restringirse a una “teoría de la definición lexicográfica”, sino que debiera tratarse en el ámbito de una “teoría general de los mecanismos explicativos”. Este trabajo presenta los primeros resultados de un proyecto de tesis doctoral que aspira a ofrecer la fundamentación para una teoría de los mecanismos explicativos.*

**PALABRAS-CLAVE:** *(Meta)lexicografía – Diccionarios semasiológicos – Definición lexicográfica*

### INTRODUÇÃO

Apresentaremos, a seguir, uma síntese do projeto de tese de doutorado “Fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios”, que está sendo desenvolvido desde 2010 junto ao PPG-Let/UFRGS, sob a orientação do Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda. Esta comunicação tem como finalidade descrever os objetivos e a metodologia do projeto de tese, além de elencar seus primeiros resultados e expor as principais questões com as quais temos de lidar neste ponto da pesquisa.

### DELIMITAÇÃO DO TEMA

---

\* Aluna de doutorado do PPG-Let/UFRGS. Bolsista do CNPq. E-mail: virginiafarias@terra.com.br.

O programa constante de informações<sup>1</sup> de um dicionário semasiológico<sup>2</sup> é, muitas vezes, bastante extenso. Não obstante, o segmento informativo dedicado à explanação do significado – ao qual, via de regra, corresponde uma “definição” – é considerado o mais importante no interior da microestrutura desse tipo de obra<sup>3</sup>. Não é sem razão, portanto, que Hausmann (1989) denomina o dicionário semasiológico de “dicionário de definições” [*Definitionswörterbuch*].

A definição é, ao mesmo tempo, o mecanismo explanatório mais empregado nos dicionários e o mais estudado no âmbito da (meta)lexicografia<sup>4</sup>. Não obstante, grande parte dos problemas atinentes à formulação de paráfrases definidoras carece de uma resposta minimamente satisfatória. Isso, entre outras razões, contribui para explicar porque as paráfrases que encontramos nos dicionários nem sempre são completamente elucidativas.

Em Farias (2008), propôs-se uma classificação das paráfrases definidoras com base na oposição transparência/opacidade: (a) paráfrases transparentes, que esclarecem o significado da unidade léxica sem necessidade de elementos complementares, e (b) paráfrases opacas, que não esclarecem o significado da unidade léxica. Dentro do segundo grupo, estabeleceu-se uma subdivisão entre: (i) paráfrases opacas deficitárias, nas quais fica evidente a falta de critérios da obra no que diz respeito à elaboração das definições, e (ii) paráfrases opacas propriamente ditas, relativas a unidades léxicas que, por sua natureza, são bastante difíceis de definir.

As paráfrases opacas deficitárias representam um problema menor, uma vez que, se reformuladas, podem converter-se em paráfrases transparentes. Bugueño Miranda;

<sup>1</sup> Wiegand (1989a, p. 433) enumera 62 diferentes tipos de informações lexicográficas de caráter linguístico passíveis de constar como segmentos microestruturais em dicionários semasiológicos. Esse número inicial, por sua vez, é ampliado em Wiegand (1989b, p. 468), com a descrição de 90 diferentes tipos de informações. A seguir, apresentamos um exemplo de verbete com programa constante de informações extenso:

**EMBARRASSANT**, ANTE [ãbarasã, ãt] **adj.** – 1642 ◊ de *embarrasser* ■ **1** Qui met dans l’embarras. *C’est une situation, une affaire embarrassante. La question, l’objection est embarrassante.* ► **délicat, difficile\*, ennuyeux\*, gênant.** *Un problème embarrassant à résoudre.* ■ **2** Qui embarrasse (I, I°), encombre. ► **encombrant.** *Colis, bagages embarrassants.* ■ **CONTR.** Agréable, facile. (PRob, 2011)

<sup>2</sup> Os dicionários semasiológicos caracterizam-se pela presença de definições, enquanto os dicionários onomasiológicos distinguem-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, como o *thesaurus*, os dicionários de sinônimos/antônimos, os dicionários pela imagem, ou os dicionários bilíngues (cf. HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *semasiological dictionary; onomasiological dictionary*).

<sup>3</sup> Conforme Hartmann (2001, p. 82) e Jackson (2002, p. 71), o significado é a informação mais procurada pelos consulentes nos dicionários semasiológicos.

<sup>4</sup> A literatura sobre o tema da definição lexicográfica oferece tanto trabalhos de cunho analítico (cf., por exemplo, HAUSMANN, 1990; LEW; DZIEMIANKO, 2006a; 2006b; ZANATTA, 2006), como (e principalmente) de cunho propositivo (cf., por exemplo, ZGUSTA, 1971; DUBOIS; DUBOIS, 1971; HAENSCH et al., 1982; BOSQUE, 1982; MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995; SECO, 2003; GEERAERTS, 2003).

Farias (2009) dividem os problemas relacionados com a redação das definições em três categorias:

1. Problemas metodológicos: as paráfrases descumprem princípios fundamentais de redação<sup>5</sup>. Uma consequência bastante comum do desrespeito a esses princípios é a definição sinonímica<sup>6</sup>, que frequentemente acarreta o chamado “círculo vicioso”:

**castigo** *sm* [...] 2 Pena, punição. (MiMe, 2000)

**pena**<sup>2</sup> *sf* 1 Castigo, punição. [...] (MiMe, 2000)

**punição** *sf* Pena, castigo. (MiMe, 2000)

**noiosítá** [...] 1 Caratteristica di chi (o di cio che) è noioso [...] (ZVLI, 2011)

**noioso** [...] 1 Che procura noia [...] (ZVLI, 2011)

2. Problemas de redação propriamente ditos: as paráfrases apresentam deficiências em relação tanto à seleção do vocabulário utilizado como à formulação sintática:

**morango** *sm*. Infrutescência carnosa (e, não, fruto), edule, do morangueiro. (MiAu, 2008)

**íngua** [...] 1. Med. Ingurgitamento de gânglio linfático inguinal. [...] (AuE, 2009)

**chlorofluorocarbon** [...] a CFC; a compound containing carbon fluorine and chlorine that is harmful to the ozone layer. (OALD, 2005)

**monolíngüe** *adj.* 2g. 1 que trata de ou envolve só uma língua <*dicionário m.*> [...] (MiHou, 2004)

**novio,-a** [...] 2 Con respecto a una persona, otra que mantiene con ella relaciones amorosas con intención de casarse con ella. [...] (DUEe, 2001)

3. Problemas de falta de correspondência entre o conteúdo sêmico da unidade léxica definida e o conteúdo sêmico da definição:

**carpa** *sf*. Peixe de água doce. [...]. (DJLP, 2001)

**moranga** *sf*. *Bras. Bot.* Planta cucurbitácea, variedade de abóbora. (MiAu, 2008)

<sup>5</sup> A esse respeito, cf. Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), Landau (2001, p. 157-171) e Seco (2003, p. 30-33).

<sup>6</sup> O uso de um sinônimo substituindo ou mesmo complementando uma paráfrase analítica justifica-se nos casos em que ele pode ser mais elucidativo do que uma proposição (cf. BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011c). Compare-se, por exemplo, “Engolir, ingerir” (AuE, 2009, s.v. *deglutir*, ac. 1) e “passar (o bolo alimentar) da boca para o esôfago e, a seguir, para o estômago” (HouE, 2009, s.v. *deglutir*).

**Anakonda** [...] die; -, -s; südamerikanische ungiftige Riesenschlange. (NDW, 2007)

**carotte** nf **1.** Plante cultivée pour sa racine comestible; racine de cette plante. [...] (LaDP, 2010)

**carpe**<sup>1</sup> nf Poisson d'eau douce. [...] (LaDP, 2010)

Há, contudo, paráfrases que, embora pareçam ter sido elaboradas tendo em vista os princípios básicos de redação, tampouco conseguem ser suficientemente elucidativas. Estas correspondem às paráfrases opacas propriamente ditas. Para ilustrar, tomamos duas definições de conjunções:

**e conj.** [...] **3.** Adversativa: e no entanto, e contudo; e apesar disso: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa!” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 105.) [...] (AuE, 2009)

**mas** [...] **1 conj.coord.** liga orações ou períodos com as mesmas propriedades sintáticas, introduzindo frase que denota basicamente oposição ou restrição ao que foi dito; porém, contudo, entretanto, todavia [...] (HouE, 2009)

Em ambos os casos, os redatores, no afã de esclarecer o significado das unidades léxicas, empregam mais de um mecanismo explanatório. AuE (2009, s.v. *e*, ac. 3) apresenta uma definição em metalinguagem de conteúdo<sup>7</sup> seguida de um exemplo; HouE (2009, s.v. *mas*, ac. 1), por sua vez, associa uma definição em metalinguagem de signo (uma “instrução de uso”) a uma definição em metalinguagem de conteúdo (que, uma vez mais, corresponde a uma sequência de sinônimos). Nessas situações, porém, nem mesmo o esforço do lexicógrafo assegura o êxito em relação à elucidação do significado.

Diante do panorama esboçado, são pertinentes os seguintes questionamentos, que constituem o ponto de partida da nossa investigação:

- a) a obtenção de paráfrases efetivamente elucidativas em todos os casos é um problema apenas de método, ou seria também um problema de objeto?
- b) partindo do pressuposto de que a obtenção de paráfrases elucidativas depende também de uma limitação intrínseca à natureza do objeto, em que condições seria lícito ou, até mesmo, necessário o emprego de mecanismos de elucidação do significado complementares/alternativos às paráfrases definidoras?

<sup>7</sup> A respeito da distinção entre metalinguagem de signo [*metalinguaje del signo*] e metalinguagem de conteúdo [*metalinguaje del contenido*], cf. Seco (2003). Entendemos “definição em metalinguagem de conteúdo” como uma definição que se deixa submeter à prova da substituição. Assumindo a perspectiva de Ulrich (2002, s.v. *Paraphrase*), uma sequência de expressões sinônimas também pode ser entendida como uma definição em metalinguagem de conteúdo.

Antes de tudo, deve-se considerar que, a despeito das dificuldades intrínsecas à tarefa de definir, em uma infinidade de casos, é perfeitamente possível apresentar definições elucidativas. Isso nos leva a crer que a impossibilidade de se gerar paráfrases satisfatórias em determinadas circunstâncias não se deve apenas a um problema de método, mas também de objeto. Haveria, portanto, unidades léxicas que, por alguma razão inerente à sua natureza, seriam mais difíceis de definir do que outras. Citamos, a título de ilustração, as designações pertencentes a taxonomias fechadas (como os graus militares), os nomes de animais, plantas, frutos e cores, bem como os substantivos abstratos de ação (cf. LANDAU, 2001, p. 180; FARIAS, 2009a). Outro exemplo claro são as palavras gramaticais, tais como preposições e conjunções (cf. FORNARI, 2008). Nesses casos, a solução seria o emprego de mecanismos explanatórios complementares. Dentre os recursos linguísticos, destacamos o uso de informações adicionais de cunho extralinguístico (cf. BENEDUZI; BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2005), o emprego de exemplos (cf. FARIAS, 2008) e a ampliação da microestrutura simples, com a geração de pós-comentários semânticos (cf. FARIAS, 2011a). Por fim, como recursos não linguísticos, citamos as ilustrações (cf. FARIAS, 2010).

O problema da explanação do significado não deve, portanto, restringir-se a uma “teoria da definição lexicográfica”, mas deve ser tratado no âmbito de uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios”. Em vista disso, a pesquisa que vimos desenvolvendo almeja lançar os princípios e demarcar os limites para a posterior formulação dessa teoria.

## **OBJETIVOS, METODOLOGIA E PRIMEIROS RESULTADOS**

Uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios” compreende (a) uma teoria para a geração de definições, que contemple esse fenômeno sob diversas perspectivas, e (b) uma “doutrina” para o emprego e geração de mecanismos explanatórios complementares. Dessa forma, o projeto de tese que apresentamos assume dois objetivos gerais:

- I. Estabelecer as bases de uma teoria da definição lexicográfica.
- II. Estabelecer critérios para o emprego e a elaboração de mecanismos complementares de elucidação do significado.

Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa consiste de duas partes, que correspondem, respectivamente, a cada um dos objetivos gerais propostos.

Bugueño Miranda (2009) atenta para o fato de que ainda não existe uma “teoria da definição lexicográfica”. Rey (1990) declara que o termo definição é ambíguo. O autor sustenta que nem mesmo seu objeto – o significado – é claro. Deve-se observar ainda que a clássica oposição entre “definição de coisas” e “definição de palavras” não é muito satisfatória. Além disso, contribui para a ambiguidade do termo definição o fato de que seu objetivo varia conforme o domínio do conhecimento no qual ele está inserido

(filosofia, lógica, lexicografia, terminologia), e, no interior de cada um desses domínios, seu propósito também pode sofrer variação em virtude das teorias e práticas adotadas em cada caso.

Para ilustrar o problema, extraímos quatro definições de dicionários de língua inglesa:

**business** [...] 6 [U] important matters that need to be dealt with or discussed [...] (OALD, 2005)

**business** 7 You can business to refer to important matters that you have to deal with. [...] (CCLD, 2003)

**business** [...] n [U] a matter or a situation [...] (CDAE, 2006)

**that** [...] conjunction used to introduce a clause reporting something or giving further information, although it can often be omitted [...] (CDAE, 2006)

Muito embora nas quatro situações tenhamos, de fato, processos de reescrita, este se dá de maneiras bem diversas. As diferenças, que apreendemos facilmente da mera leitura das definições apresentadas, decorrem dos seguintes fatores:

- a) os signos léxicos definidos são de natureza distinta: encontramos uma palavra lexical nos três primeiros exemplos, frente a uma palavra gramatical no quarto exemplo;
- b) a técnica definitória empregada em cada situação é diferente: há divergências em relação à perspectiva do ato da comunicação adotada (semasiologia *versus* onomasiologia) e em relação à metalinguagem empregada (metalinguagem de conteúdo *versus* metalinguagem de signo);
- c) o padrão redacional (ou formulação sintática) é bastante diferente em cada caso;
- d) por fim, poderíamos mencionar ainda que a teoria semântica subjacente à redação da paráfrase apresentada em CCLD (2003: s.v. *business*) é diferente da teoria semântica que subjaz à redação das definições de OALD (2005: s.v. *business*) e CDAE (2006: s.v. *business*)<sup>8</sup>.

Levando em conta que a definição constitui um objeto complexo, uma teoria da definição deveria considerar o fenômeno sob diversos pontos de vista concomitantemente, possibilitando apreendê-lo em sua totalidade. Assumimos, portanto, a concepção de Bugueño Miranda (2009), segundo a qual uma teoria da definição deveria estar ancorada em três variáveis: (a) uma taxonomia de paráfrases definidoras, (b) um padrão sintático e (c) um modelo semântico.

O cumprimento do primeiro objetivo geral proposto pressupõe a discussão das três variáveis descritas. Assim, pois, em primeiro lugar, descreveram-se os diversos tipos de mecanismos explanatórios existentes. Para tanto, adotou-se a taxonomia de

<sup>8</sup> A pertinência dessa afirmação depende de uma série de fatores, como veremos a seguir.

Bugueño Miranda (2009), fundamentada em dois parâmetros: (a) a perspectiva do ato da comunicação e (b) a metalinguagem. A classificação resultante permitiu-nos refletir sobre a diversidade de mecanismos linguísticos (e, inclusive, não linguísticos, como a substituição ostensiva) que a (meta)lexicografia dispõe para a explicitação do conteúdo semântico das unidades léxicas.

Em segundo lugar, formularam-se modelos sintáticos para a redação de paráfrases em metalinguagem de conteúdo e em metalinguagem de signo. Os primeiros resultados foram apresentados em Bugueño Miranda; Farias (2011a). As propostas, apesar de seu caráter ainda experimental, possibilitaram oferecer uma visão geral acerca da necessidade de se gerar padrões distintos de redação, tendo em vista não somente as diferentes classes gramaticais, mas também a natureza diversa das unidades léxicas dentro de uma mesma classe. Finalmente, em terceiro lugar, analisamos a possível relação entre técnica definitória e teoria semântica (cf. FARIAS, 2009b; 2011b; BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011d).

Relacionada a esse último aspecto, encontra-se uma questão de fundo, que deve ser tratada anteriormente às demais: o problema ontológico do significado. Nesse âmbito, percebeu-se a necessidade de se rever a clássica distinção entre palavras “com significado” e palavras “sem significado”. Dessa forma, pôs-se em evidência a dificuldade de se delimitar o que se entende por “significado” de uma expressão linguística (cf. BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011b).

O segundo objetivo geral do projeto de tese contempla os mecanismos complementares de elucidação do significado. Nessa etapa da pesquisa, o primeiro passo consiste em dividir as unidades léxicas entre as que são e as que não são passíveis de uma definição elucidativa. Para tanto, servir-nos-emos dos estudos já realizados, pertinentes à primeira fase de desenvolvimento do projeto. Os resultados parciais permitem afirmar que a obtenção de paráfrases elucidativas depende (a) da obediência a determinados princípios de formulação e (b) da natureza do objeto definido. Assim, pois, a dificuldade de se formular paráfrases elucidativas, em muitos casos, se deve à ausência de uma definição clara a respeito do que se entende por “significado”. Os três principais problemas encontrados nesse âmbito são: (a) a apreensão do “conteúdo semântico” de determinadas unidades léxicas que, de acordo com as teorias lexicológicas tradicionais, não apresentam significado lexical (por exemplo, preposições, conjunções, adjetivos relacionais, verbos auxiliares/modais/suporte/de ligação, parte dos advérbios); (b) o estabelecimento de uma oposição clara entre significado e referente (observável nas definições de substantivos que designam animais, plantas, frutos, cores e posições no interior de taxonomias), e (c) a apreensão do que seria o significado pragmático (por exemplo, as interjeições). Para os itens lexicais enquadrados em cada um desses grupos, é bastante difícil redigir paráfrases definidoras completamente elucidativas. A solução seria, portanto, o emprego de mecanismos explanatórios complementares, linguísticos ou não linguísticos.

O passo seguinte consiste em definir os mecanismos complementares de elucidação do significado passíveis de emprego e associá-los a cada tipo de problema pertinente à apreensão e explicitação do significado de determinada unidade léxica. Por

fim, o terceiro e último passo dentro da segunda fase da pesquisa consiste em elaborar critérios para o emprego dos distintos mecanismos complementares de elucidação do significado.

## ESTADO ATUAL DA PESQUISA: QUESTÕES CONFLITUOSAS

Até o momento, identificamos três aspectos que começaram a ser discutidos, mas para os quais ainda não tivemos condições de apontar soluções satisfatórias: (a) o problema ontológico do “significado” e suas implicações no fazer lexicográfico; (b) a aplicação de teorias semânticas à geração de definições, e (c) o emprego de mecanismos complementares de elucidação do significado.

### O PROBLEMA ONTOLÓGICO DO SIGNIFICADO

Ao mesmo tempo em que se assume ser este um conceito nuclear no âmbito dos estudos semânticos e filosóficos, a definição de *significado* é, frequentemente, escamoteada nos dicionários de linguística e filosofia, cujos respectivos verbetes versam sobre os problemas atinentes à delimitação do “conteúdo semântico” de unidades léxicas e sentenças, bem como sobre as relações estabelecidas entre as palavras (sinonímia, antonímia, hiperonímia etc.) (cf., por exemplo, BUSSMANN, 1990, s.v. *Bedeutung*; CRYSTAL, 2001, s.v. *meaning*; TRASK, 2006, s.v. *significado*; BLACKBURN, 2008, s.v. *meaning*). É sobre essa base, aliás, que se tenta, muitas vezes, definir *significado* como uma “relação entre palavras ou sintagmas e os objetos ou ideias que designam” (cf. HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *meaning*)<sup>9</sup>. Tal definição, no entanto, não permite responder satisfatoriamente a questão central de que se trata.

A dificuldade em se oferecer uma definição objetiva de *significado* deve-se ao fato de que essa magnitude apresenta uma série de aspectos, podendo ser observada sob as mais diversas perspectivas, como destaca Crystal (2001, s.v. *meaning*). Em Bugueño Miranda; Farias (2011b), abordamos um aspecto específico: a clássica oposição entre significado lexical e categorial e suas consequências no que diz respeito à elaboração das paráfrases definidoras.

Coseriu (1978) distingue cinco tipos de significado: lexical, categorial, instrumental, sintático e ôntico. Segundo Lutzeier (1985), o significado lexical e o significado categorial conformam os dois principais tipos de significado. Fundamentadas nessa distinção, as teorias lexicológicas tradicionais costumam estabelecer uma oposição entre “expressões com significado” e “expressões sem significado”. Assume-se, portanto, que há palavras que não têm conteúdo semântico ou “não significam”, mas simplesmente ajudam a estabelecer relações entre as palavras que têm conteúdo semântico ou “significam”. Tal distinção, no entanto, de acordo com

<sup>9</sup> [relationship between words or phrases and the objects or ideas which they designate]



Bussmann (1990, s.v. *Autosemantikum*), em sentido estrito, não é sustentável. De fato, é necessário submeter a uma reavaliação a divisão estabelecida entre “expressões com significado” e “expressões sem significado”.

Os princípios observáveis na classificação das palavras são descritos sinteticamente a seguir:

- a) oposição entre significado lexical e significado categorial (cf. LUTZEIER, 1985; MATTHEWS, 1997; PALMER, 2001; CRYSTAL, 2001; HARTMANN; JAMES, 2001);
- b) oposição entre palavras com significado léxico autônomo (independente de um contexto) e sem significado léxico autônomo (dependente de um contexto) (cf. BUSSMANN, 1990; GLÜCK, 2005; ULRICH, 2002);
- c) oposição entre palavras que podem constituir núcleo de sintagma e palavras que não podem constituir núcleo de sintagma (cf. GLÜCK, 2005; ULRICH, 2002);
- d) oposição entre palavras que relacionam a língua com a realidade extralinguística e palavras que relacionam a língua com ela mesma (cf. BORBA, 2003).

A maioria dos autores concorda em que os substantivos, verbos e adjetivos seriam fortes candidatos a “palavras com significado”. Entretanto, Lutzeier (1985) menciona o fato de que o *Duden, Das große Wörterbuch der deutschen Sprache* (1984), inclui, entre as “palavras sem significado”, os verbos modais e auxiliares. Bussmann (1990, s.v. *Synsemantik*), por sua vez, lembra o caso do adjetivo *gut*, que apresenta aspectos diferentes do significado conforme o contexto. Ressaltamos, por outro lado, que a classe dos advérbios é lembrada entre as “palavras com significado” apenas por Palmer (2001), Ulrich (2002) e Glück (2005). Muito embora nenhum dos autores mencione explicitamente os advérbios entre as “palavras sem significado”, Borba (2003, p. 46), ao definir as “palavras gramaticais” como unidades léxicas que podem “indicar quantificação e intensificação, relações espaciais e temporais, referência, mostração, identificação, modalização etc.”, pela sua imprecisão, abre margem para a inclusão dos advérbios no grupo das palavras gramaticais.

No sentido contrário, a discussão realizada em Bugueño Miranda; Farias (2011b) sugere que algumas unidades léxicas tradicionalmente classificadas no grupo das expressões “sem significado”, poderia, sim, apresentar um conteúdo semântico. Partindo-se da afirmação de Schifko (1992, p. 141-142), segundo a qual o emprego de sinônimos somente é possível nos casos em que há “identidade de significado” [*identidad de significado*], assumiu-se a sinonímia como um recurso viável para a comprovação da existência de um “conteúdo semântico”. A identidade de significado pode ser expressa em termos de uma proposição, que, por sua vez, equivaleria ao *tertium comparationis* da relação sinonímica. Em vista disso, comparemos as sentenças:

1. Não disse para que veio.
2. Não disse a que veio.

O *tertium comparationis* entre as preposições *para* e *a* nas sentenças 1 e 2, respectivamente, é “com que finalidade”. Comprovar-se-ia, dessa forma, a existência de um “conteúdo semântico”. Diante dos argumentos arrolados, as classificações tradicionais das expressões linguísticas perderiam sustentação.

Existe, como é possível constatar, uma carência de estudos sobre a natureza dos próprios signos linguísticos, o que é essencial para que se possa passar à descrição do seu (suposto) “conteúdo semântico”. Distinções lexicográficas fundamentais, como a oposição entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo dependem da clareza a respeito da magnitude “significado”. Os resultados preliminares, apresentados em Bugueño Miranda; Farias (2011b), sugerem que não há uma metodologia que responda de forma direta o que é “conteúdo semântico” ou “significado” de uma unidade léxica. Sendo assim, seria necessário recorrer a expedientes metodológicos indiretos (por exemplo, a sinonímia) como uma tentativa de aproximação ao problema nuclear.

## AS TEORIAS SEMÂNTICAS

Segundo Engelberg; Lemnitzer (2004, p. 8-10), os principais modelos semânticos utilizados no âmbito da (meta)lexicografia são a semântica das condições de verdade, a análise componencial e a teoria dos protótipos.

A pesquisa acerca da relação entre teoria semântica e formulação de definições orienta-se pela distinção fundamental estabelecida entre “significado” (plano linguístico) e “referente” (plano extralinguístico). Essa distinção fundamental sustenta uma segunda oposição, dessa vez estabelecida entre “intensão” e “extensão”. Associa-se, por um lado, a “compreensão intensional do significado” ao modelo semântico estrutural, e, por outro lado, a “compreensão extensional do significado” aos modelos formal e cognitivo – ainda que eles sejam, em sua concepção, absolutamente divergentes.

Ao adaptar o triângulo de Ogden & Richards à definição, Rey (1977, p. 100) demonstra que as paráfrases definidoras, ao mesmo tempo em que “descrevem um significado”, “apontam”, ainda que indiretamente, para um referente extralinguístico. Desse modo, as definições formuladas intensionalmente a partir da soma dos semas que constituem o semema da unidade definida devem permitir reconhecer o referente no mundo extralinguístico. A extensão, por sua vez, está atrelada à capacidade de reconhecer um dado objeto no mundo. Sem embargo, ademais de poder ser evocado na correspondência da paráfrase com uma entidade extralinguística, o referente ainda aparece algumas vezes de forma explícita nas definições. Aliás, é preciso admitir que, em muitos casos, o uso de elementos extralinguísticos pode ser uma valiosa ferramenta de auxílio à compreensão do significado<sup>10</sup>. Em defesa desse argumento, citamos, por exemplo, Werner (1984), para quem a análise componencial como suporte teórico para

<sup>10</sup> São exemplos clássicos da presença explícita do referente extralinguístico nas definições os virtuemias, as informações enciclopédicas e as enumerações de membros pertencentes à categoria que se define:

a formulação das paráfrases definidoras, embora seja aplicável de forma irrepreensível em muitos casos, não apresenta resultados satisfatórios em outros tantos. Isso, segundo o autor, deve-se ao fato de que algumas unidades léxicas são extremamente difíceis ou, simplesmente, não podem ser descritas por meio de expressões linguísticas, razão pela qual algumas definições possuem elementos que correspondem ao conhecimento sobre a “coisa” (cf. WERNER, 1984, p. 387-388). Zgusta (1971, p. 254-257), por sua vez, sustentava que as definições de termos técnicos e unidades léxicas que designam plantas e animais, por exemplo, tendem a ser enciclopédicas.

As análises empreendidas em Farias (2009b; 2011b) e Bugueño Miranda; Farias (2011d) acerca da aplicação das teorias semânticas à formulação das definições permitiram-nos chegar à seguintes conclusões:

- a) a distinção entre intensão e extensão advinda da semântica das condições de verdade permite que se tenha consciência exata do real valor da extensão no que diz respeito à formulação das definições. Entretanto, convém salientar que o modelo formal, muito embora seja capaz de descrever de forma satisfatória uma determinada categoria do ponto de vista intensional, mediante um conjunto de condições necessárias e suficientes, não consegue determinar a extensão exata da categoria, uma vez que os traços descritos não se aplicam de forma homogênea a todos os membros pertencentes a uma dada categoria (cf. KLEIBER, 2004, p. 31-37);
- b) a análise componencial, por sua vez, funciona de maneira irrepreensível ao contrastar cohipônimos definidos no interior de campos semânticos específicos (cf. POTTIER, 1977). A aplicação desse modelo, no entanto, depende da natureza do significado, dado que a análise componencial funciona tão somente com as unidades léxicas que possuem significado lexical – que, aliás, constituem o verdadeiro objeto de estudo do modelo proposto por Coseriu (1978);
- c) por fim, a principal contribuição da semântica dos protótipos reside na incorporação do componente extralinguístico ao significado. De fato, como vimos, as informações extralinguísticas são fundamentais em algumas definições. O problema, nesse caso, é que ainda não estamos em condições de avaliar a eficácia das informações extralinguísticas nas definições, tampouco de decidir em que momento se deveria lançar mão desse expediente na redação das paráfrases.

No que concerne à adoção de uma determinada teoria semântica pelos dicionários, devemos estar cientes de que não é possível comprovar se as obras

---

**picazuroba** 1. f. Ave gallinácea, semelhante en el tamaño, forma y plumaje a la tórtola, pero con el pico y los pies de color negro rojizo, el pecho carmesí, y el vientre encarnado. Se encuentra en América desde el Brasil hasta los Estados Unidos. (DRAEe, 2001, s.v.)

**mammal** [...] *noun* any animal that gives birth to live babies, not eggs, and feeds its young on milk. Cows, humans and whales are all mammals [...] (OALD, 2005, s.v.)

lexicográficas, de uma forma geral, se orientem por uma ou outra teoria. As análises, no entanto, sugerem que pode haver alguma sustentação teórica subjacente à redação das paráfrases definidoras, muito embora não seja constante, e, talvez, nem mesmo consciente. Além disso, na maior parte dos dicionários, parece que os modelos formal, estrutural e cognitivo convivem. Isso se justifica na medida em que cada teoria se ajusta melhor à definição de um tipo específico de signo-lemma (cf. BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011d).

## OS MECANISMOS EXPLANATÓRIOS COMPLEMENTARES

Os três mecanismos complementares de elucidação do significado estudados até o momento são: (a) os exemplos, (b) os pós-comentários e (c) as ilustrações. Trata-se, como veremos, de três terrenos pouco explorados no âmbito da (meta)lexicografia. Os resultados obtidos, portanto, são ainda bastante rudimentares.

## EXEMPLOS

Existe um consenso entre os estudiosos sobre o inegável valor lexicográfico dos exemplos no cumprimento de diversas funções, tais como complementar a definição, apresentar contextos sintáticos, introduzir informações culturais, ou, simplesmente, atestar a ocorrência de uma palavra ou acepção (cf. DUBOIS; DUBOIS, 1971, p. 90-93; HUMBLÉ, 1996; 1998; GARRIGA ESCRIBANO, 2001; FOURMENT-BERNI CANANI, 2002; WELKER, 2004, p. 149-162). Contudo, a maioria das pesquisas sobre o exemplo preocupa-se com o estabelecimento de tipologias, com base na distinção entre exemplo e abonação, sem que os problemas da funcionalidade e da técnica de geração do exemplo, que consideramos nucleares, tenham sido encarados com a devida atenção. A lexicografia, portanto, ressenete-se da falta de uma metodologia que possibilite converter o exemplo em um fato efetivamente funcional na microestrutura dos dicionários. A carência de parâmetros para a apresentação dos exemplos restringe ou, mesmo, anula o valor funcional dessa informação na microestrutura do dicionário.

Em Farias (2008), os exemplos foram classificados em dois grupos: (a) exemplos para a compreensão e (b) exemplos para a produção. O exemplo para a compreensão cumpre o papel de ajudar na elucidação do significado, devendo acompanhar as chamadas paráfrases opacas propriamente ditas. O exemplo para a produção, por sua vez, deve indicar o contexto sintático adequado da unidade léxica definida, levando em conta as possíveis dificuldades do consulente.

A formulação de exemplos para a compreensão, que constituam informações efetivamente funcionais no interior da microestrutura, deve levar em conta dois fatores: (a) o tipo de unidade léxica que está sendo definida e (b) a qualidade da definição gerada – considerando que só é aceitável uma definição opaca nos casos em que, comprovadamente, não é possível oferecer uma solução melhor. Para cada tipo

específico de signo-lema, devem-se elaborar critérios próprios para a geração do exemplo. A única regra válida para todas as situações é a de que o exemplo deve consistir de uma oração o mais simples possível, de preferência obedecendo à ordem direta (sujeito – verbo – objetos – complementos adverbiais).

## PÓS-COMENTÁRIOS


O modelo microestrutural exposto em Wiegand (1989a; 1989b) prevê a ampliação externa da microestrutura simples, que, tradicionalmente, encontra-se segmentada em comentário de forma e comentário semântico. A microestrutura ampliada comportaria dois tipos de comentários externos: o pré-comentário e o pós-comentário.

O constituinte textual situado no espaço imediatamente anterior ao comentário de forma é chamado de pré-comentário [*Präkommentar*]:

**cómpito**<sup>1</sup> [...] **s.m.** Talora si scrive con l'accento *cómpito* quando potrebbe essere confuso con *compito* **1** Lavoro da eseguire [...] (ZVLI, 2011)

O constituinte textual localizado imediatamente após o comentário semântico, por sua vez, denomina-se pós-comentário [*Postkommentar*]. Esse tipo de expansão microestrutural é bem mais comum em dicionários de língua do que a anterior:

**hedge** [...] **1.** Econ. Expediente adotado por empresas ou homens de negócios para se resguardarem de flutuações de preços. [Ex.: firmas com dívidas em dólares compram títulos reajustados pela taxa cambial: havendo desvalorização do real, o aumento de valor dos títulos compensa o crescimento do montante, em reais, da dívida.] (AuE, 2009)

**donoso, -sa** adjetivo **formal** Que tiene gracia o donaire **ej** ¿de donde, donosa, el lindo lunar que sobre tus senos se vino a posar?; idonosa ocurrencia!   
**NOTA** Antepuesto al sustantivo, se usa con valor irónico. (DUEAe, 2003)

Em Farias (2011a), avaliamos apenas o pós-comentário, propondo-nos a responder duas questões: (a) se e como o pós-comentário é empregado em dicionários semasiológicos, e (b) que aspectos devem ser levados em conta no momento de se formular uma doutrina para o emprego do pós-comentário como mecanismo complementar de elucidação do significado.

Para responder à primeira questão, procedemos a uma avaliação de dicionários semasiológicos de tipos diferentes (dicionários gerais, infantis, escolares, de aprendizes), e pertencentes a tradições lexicográficas distintas (brasileira, hispânica, inglesa, alemã, francesa, italiana). Primeiramente, deve-se levar em conta que Wiegand (1989b) define “pós-comentário” pela sua posição no interior da microestrutura, eximindo-se de estabelecer, para esse segmento, funções específicas. Desse modo, ao analisar os verbetes dos dicionários selecionados, identificamos as estruturas de pós-

comentário exclusivamente por meio da sua localização no verbete. Reconhecemos, entretanto, que, para conferir uma real funcionalidade ao pós-comentário, é preciso definir, no âmbito de uma teoria (meta)lexicográfica, as informações passíveis de serem fornecidas nesse segmento.

O emprego do pós-comentário deveria ser uma consequência natural de uma concepção funcional da microestrutura. Daí a importância de se ter em mente distinções como microestrutura abstrata/microestrutura concreta, comentário de forma/comentário semântico, bem como uma noção clara de segmento informativo funcional (cf. WIEGAND, 1989a). A ampliação da microestrutura, dessa forma, deve responder a uma impossibilidade de se oferecer determinada informação em algum dos segmentos microestruturais previstos pelo programa constante de informações, por tratar-se de uma indicação de caráter excepcional (p. ex., LaGWDaF, 2008, s.v. *dass* e HouE, 2009, s.v. *você*). Grande parte dos dicionários analisados, no entanto, não demonstra sequer haver definido um programa de informações microestruturais. Isso explica porque, frequentemente, o pós-comentário não se articula com a microestrutura, ou seja, a relação de interdependência (em nível de funcionalidade) entre os comentários fundamentais e os comentários marginais não se vê evidenciada. Em vista disso, apresentamos uma síntese da análise realizada em Farias (2011a):

- a) não é possível assegurar que todos os dicionários cujos verbetes apresentam segmentos que identificamos como pós-comentários tenham consciência de estarem lidando com um tipo de ampliação microestrutural;
- b) as diferenças entre os tipos de dicionários são mais quantitativas do que qualitativas: os dicionários gerais apresentam uma quantidade maior de notas do que as demais obras; entretanto, o pós-comentário não é necessariamente mais funcional nestas obras;
- c) nota-se uma prevalência do pós-comentário de forma sobre o pós-comentário semântico, que é visivelmente menos utilizado;
- d) os “pós-comentários de forma”, na maioria dos casos, poderiam ser parte integrante do programa de informações pertinente ao comentário de forma;
- e) os “pós-comentários semânticos”, por sua vez, tendem a restringir-se à sinonímia e antonímia, bem como a umas poucas indicações pragmáticas. Destacamos, no entanto, que o objetivo da indicação de sinonímia/antonímia difere, em boa medida, do objetivo das notas pragmáticas. Enquanto as últimas servem como um auxílio para a compreensão, as primeiras servem como um auxílio para a produção, assumindo, quando apresentadas sob a forma de catálogos ao final do verbete, uma função onomasiológica (cf. BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2008).

Em atenção à segunda questão formulada, procuramos definir as variáveis que devem sustentar uma proposta de emprego do pós-comentário (especificamente o denominado semântico) como um mecanismo complementar de elucidação do significado:

1. Um modelo funcional de microestrutura: O modelo ao qual nos referimos é, evidentemente, o de Wiegand (1989a; 1989b). A ausência de um modelo funcional como base para a concepção da microestrutura acarreta a ausência de funcionalidade nos segmentos informativos. O modelo de Wiegand (1989a; 1989b), como vimos, prevê, além do comentário de forma e do comentário semântico, a possibilidade de ampliação externa da microestrutura, por meio da geração de pós-comentários. A definição dos segmentos que devem conformar o pós-comentário, por sua vez, deve considerar os mesmos princípios empregados na definição dos demais segmentos (oposição microestrutura abstrata/concreta; oposição comentário de forma/semântico), de tal forma que mesmo o “grau zero de informação” – nesse caso, a supressão do pós-comentário – possa ser entendida como funcional.

2. Uma concepção de funcionalidade em termos de informações discretas e discriminantes: O pós-comentário converte-se em um segmento informativo funcional, na medida em que (a) oferece informações discretas e discriminantes e (b) articula-se com os segmentos microestruturais nucleares, colocando-se em relação de complementaridade frente a eles.

3. Uma teoria geral dos mecanismos explanatórios: Uma teoria geral dos mecanismos explanatórios, ao ultrapassar os limites de uma teoria da definição, possibilitará determinar em que situações é preciso empregar mecanismos explanatórios complementares, e qual recurso é mais apropriado em cada caso.

## ILUSTRAÇÕES

Ilson (1987, p. 71) assevera que a ilustração é um mecanismo explanatório análogo à definição. Em dicionários pela imagem, por exemplo, que não contêm informação sobre o significado, a ilustração assume a função da definição lexicográfica (cf. SCHOLZE-STUBENRECHT, 1989, p. 1103). Entretanto, o uso de ilustrações como um recurso de elucidação do significado análogo ao parafrástico não é um consenso entre os estudiosos. Para Zgusta (1971, p. 256-257), por exemplo, as imagens, embora realmente possam contribuir para aumentar o poder informativo do dicionário, deveriam ser tratadas apenas como um elemento acessório. Landau (2001, p. 143-147) também hesita em atribuir às imagens o mesmo peso de uma descrição verbal. Há, por outro lado, autores que defendem o uso pródigo de ilustrações em dicionários de língua, mas não (ou não somente) como um recurso de elucidação do significado, e sim como uma forma de proporcionar aos consulentes informações enciclopédicas, a exemplo de Gangla (2001).

Os subsídios teóricos que a (meta)lexicografia dispõe acerca das ilustrações são muito escassos. Consequentemente, problemas básicos relacionados com a inclusão de elementos pictóricos nos dicionários de língua ainda não foram resolvidos (cf. BUGUEÑO MIRANDA, 2008, p. 101-103). Em Farias (2010), realizou-se uma análise do emprego das ilustrações em dicionários semasiológicos. Partiu-se das seguintes premissas: (i) a ilustração deve ser entendida estritamente como um mecanismo de elucidação do significado análogo ao parafrástico, e (ii) a ilustração é funcional em um

dicionário semasiológico, na medida em que permite identificar um referente extralinguístico de forma mais rápida e mais simples do que uma descrição linguística permitiria na mesma situação. Foram avaliados quatro aspectos: (a) a relação entre o tipo de dicionário e o uso de ilustrações, (b) o potencial de representação da imagem, (c) a qualidade e (d) a articulação das ilustrações com outros componentes do dicionário. A análise permitiu chegar aos seguintes resultados:

- a) o uso de ilustrações é um recurso sub-aproveitado em dicionários semasiológicos, especialmente nos dicionários gerais de língua. Uma das razões para isso é o fato de que a ilustração é vista principalmente como um dispositivo auxiliar para aprendizes de uma língua estrangeira ou crianças em processo de alfabetização, e poucas vezes como um recurso capaz de cumprir o papel de uma definição que não consegue ser suficientemente elucidativa;
- b) mesmo quando as ilustrações são fartamente utilizadas (como ocorre nos dicionários infantis), seu potencial como mecanismo explanatório fica relegado a um segundo plano, na medida em que se enfatiza seu apelo comercial;
- c) em princípio, os substantivos concretos constituem as unidades léxicas que, de forma incontroversa, seriam passíveis de representação por meio de uma imagem. Os verbos, bem como os substantivos abstratos de ação, somente em alguns poucos casos poderiam ser bem representados dessa forma;
- d) ainda que as ilustrações possam (e devam) ser usadas como um mecanismo de explanação do significado, o número e o tipo de unidades léxicas que requerem uma explanação por meio de uma imagem também variam conforme o tipo de dicionário. Um exemplo claro é o quadro ilustrativo “Verben der Bewegung” no dicionário para aprendizes de alemão LTWDaF (2003, p. 100-101). Em um dicionário para falantes nativos, essa ilustração talvez fosse supérflua;
- e) em relação à qualidade da ilustração, o uso de desenhos ou de fotografias não interfere, de modo decisivo, no poder elucidativo da imagem. O uso ou não de cores tem um peso maior, nesse caso, na medida em que a impressão colorida é um fator crucial para que se possa diferenciar, em uma fotografia ou desenho, frutas como *amora* e *framboesa*.

A análise realizada configura-se como o primeiro passo para um estudo propositivo acerca do emprego de ilustrações em dicionários semasiológicos. Um trabalho desse tipo deve responder a, pelo menos, duas questões fundamentais: (a) qual é a pertinência da ilustração em um dicionário de língua e (b) qual é seu real poder elucidativo em cada caso.

A primeira questão somente poderá ser respondida satisfatoriamente no escopo de uma teoria geral dos mecanismos explanatórios, uma vez que se admite que uma ilustração é funcional quando a definição não é (ou não é por si só) suficientemente elucidativa. Já a segunda questão demanda um estudo mais aprofundado da imagem, tanto do ponto de vista semiótico quanto do ponto de vista cognitivo (cf. JOLY, 2009).



## REFERÊNCIAS

- AuE. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *O novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4ªed. Curitiba: Positivo, 2009.
- BENEDUZI, Renata; BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Lusorama*, Frankfurt am Main, n.61/62, p.195-219, 2005.
- BLACKBURN, Simon. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. 2ªed. Oxford: OUP, 2008.
- BORBA, Francisco. *Organização de dicionários*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BOSQUE, Ignacio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba*, Santiago de Compostela, v.9, p.105-123, 1982.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Panorama da lexicografia alemã. *Contingentia*, Porto Alegre, v.3, n.2, p.89-110, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/-6508/4241>. Acesso em: 30 dez. 2008.
- \_\_\_\_\_. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.243-260, 2009.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia Sita. O ensino de português e os dicionários escolares: Um segmento informativo da microestrutura para fins de produção textual. *Polifonia*, Cuiabá, n.15, p.1-14, 2008.
- \_\_\_\_\_. Panorama crítico dos dicionários escolares brasileiros. *Lusorama*, Frankfurt am Main, v.77/78, p.29-78, 2009.
- \_\_\_\_\_. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. *Alfa*, São Paulo, v.55, n.1, p.31-61, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Sobre las palabras y su clasificación según su contenido. Los problemas para el lexicógrafo. *RFULL*, v.29, p.9-19, 2011b.
- \_\_\_\_\_. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. *Estudos da Língua(gem)*, 2011c. [no prelo]
- \_\_\_\_\_. Teorías semánticas y definición lexicográfica. Análisis de las paráfrasis explicativas de los diccionarios generales de lengua española. *RILI*, 2011d. [em avaliação editorial]
- BUSSMANN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1990.
- CCLD. SINCLAIR, John. *Collins COBUILD Advanced Learner's Dictionary*. Glasgow: HarperCollins, 2003.
- CDAE. LANDAU, Sidney. *Cambridge Dictionary of American English*. 7ªed. Cambridge: CUP, 2006.
- COSERIU, Eugenio. *Gramática, semántica, universales*. Madrid: Gredos, 1978.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of language*. 2ªed. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- DJLP. MATTOS, Geraldo. *Dicionário Júnior da língua portuguesa*. 2ªed. São Paulo: FTD, 2001.
- DRAE. *Diccionario de la lengua española*. 22ªed. Madrid: Espasa-Calpe, 2001.

- DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- DUEAe. *Diccionario de uso del español de América y de España*. Barcelona: Spes Editorial, 2003.
- DUEe. MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. 2ªed. Madrid: Gredos, 2001.
- ENGELBERG, Stefan; LEMNITZER, Lothar. *Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. 2ªed. Tübingen: Stauffenburg, 2004.
- FARIAS, Virginia Sita. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.101-122, 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-1/06-Farias.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2008.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a redação das glosas em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, Concórdia, n.11, p.1-18, 2009a. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/11/2.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specificae*: Um contraste entre duas técnicas definitórias. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.17, n.1, p.73-100, 2009b.
- \_\_\_\_\_. O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9, 2010, Palhoça. *Anais*. Palhoça: Editora da Unisul, 2010. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Virginia%20Farias.pdf>. Acesso em: 26 out. 2010.
- \_\_\_\_\_. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v.9, n.17, p.109-139, 2011a. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/21/artigos/revel\\_17\\_consideracoes\\_preliminares.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/21/artigos/revel_17_consideracoes_preliminares.pdf). Acesso em: 30 set. 2011.
- \_\_\_\_\_. Aplicação da semântica das condições de verdade à redação das definições nos dicionários semasiológicos. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2011b. [em avaliação editorial]
- FORNARI, Michelle. *Parâmetros para o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais*. 2008. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.
- FOURMENT-BERNI CANANI, Michele. Neutralisation, cumul et généralisation en lexicographie bilingue (domaine Français-Italien). In: FERRARIO, Elena; POLCINI, Virginia (Eds.). *La lessicografia bilingue tra presente e avvenire*. Vercelli: Mercurio, 2002. p.49-63
- GANGLA, Lilian. *Pictorial illustrations in dictionaries*. 2001. 84f. Dissertation (Magister Artium) – University of Pretoria, Pretoria. Disponível em: <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-02272003-142207/>. Acesso em: 25 jul. 2010.
- GARRIGA ESCRIBANO, Cecilio. Los ejemplos en los diccionarios didácticos del español. In: AYALA CASTRO, María (Ed.). *Diccionarios y enseñanza*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2001. p.127-149

- GEERAERTS, Dirk. Meaning and definition. In: STERKENBURG, Piet van. (ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p.83-93
- GLÜCK, Helmut (Org.). *Metzler Lexikon Sprache*. 3ªed. Stuttgart: Metzler, 2005.
- HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.
- HARTMANN, Reinhard. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.
- HARTMANN, Reinhard; JAMES, Gregory. *Dictionary of lexicography*. London; New York: Routledge, 2001.
- HAUSMANN, Franz Josef. Das Definitionswörterbuch. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. (Org.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.981-988
- \_\_\_\_\_. La définition est-elle utile? Regard sur les dictionnaires allemands, anglais et français. In: CHAURAND, Jacques; MAZIÈRE, Francine. (Eds.). *La définition*. Paris: Larousse, 1990. p.225-233
- HouE. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUMBLÉ, Philippe. Examples in bilingual dictionaries. In: AILA CONFERENCE, 1, 1996, Yyvaskula. *Proceedings*. Yyvaskula: s.n., 1996. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores>. Acesso em: 08 set. 2006.
- \_\_\_\_\_. The use of authentic, made-up and controlled examples in foreign language dictionaries. In: EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS ON LEXICOGRAPHY, 8, 1998, Liège. *Proceedings*. Liège: Université de Liège, 1998. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores>. Acesso em: 08 set. 2006.
- ILSON, Robert. Towards a taxonomy of dictionary definitions. In: \_\_\_\_\_. *A spectrum of lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.61-73
- JACKSON, Howard. *Lexicography*. An introduction. London; New York: Routledge, 2002.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Tradução Marina Appenzeller. 13ªed. Campinas: Papirus, 2009.
- KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype*. Catégories et sens lexical. 2ªed. Paris: PUF, 2004.
- LaDP. *Dictionnaire de Poche*. Paris: Larousse, 2010.
- LaGWDaF. GÖTZ, Dieter; HAENSCH, Günther; WELLMANN, Hans. *Langenscheidt Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin/München: Langenscheidt, 2008.
- LANDAU, Sidney. *Dictionaries*. The art and craft of lexicography. 2ªed. Cambridge: CUP, 2001.
- LEW, Robert; DZIEMIANKO, Anna. Non-standard dictionary definitions: what they cannot tell native speakers of polish. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.18, p.275-294, 2006a.

- \_\_\_\_\_. A new type of folk-inspired definition in English monolingual learner's dictionaries and its usefulness for conveying syntactic information. *International Journal of Lexicography*, Oxford, v.19, n.3, p.225-242, 2006b.
- LTWDaF. GÖTZ, Dieter; WELLMANN, Hans. *Taschenwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin; München: Langenscheidt, 2003.
- LUTZEIER, Peter. *Linguistische Semantik*. Stuttgart: Metzler, 1985.
- MARTÍNEZ DE SOUZA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- MATTHEWS, Peter. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford; New York: OUP, 1997.
- MiAu. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 7ªed. Curitiba: Positivo, 2008.
- MiHou. HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MiMe. *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- NDW. GÖTTERT, Karl-Heinz. *Neues deutsches Wörterbuch*. Köln: Helmut Lingen, 2007.
- OALD. HORNBY, Albert Sydney. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 7ªed. Oxford: OUP, 2005.
- PALMER, Frank. *Semantics*. 2ªed. Cambridge: CUP, 2001.
- POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. Tradução Maria Angela Botelho Pereira. In: LOBATO, Lúcia (Org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.21-31
- PRob. ROBERT, Paul. *Le Petit Robert*. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Le Robert, 2011.
- REY, Alain. *Le lexique: images et modèles*. Du dictionnaire à la lexicologie. Paris: Armand Colin, 1977.
- \_\_\_\_\_. Polysémie du terme definition. In: CHAURAND, Jacques; MAZIÈRE, Francine. (eds.). *La définition*. Paris: Larousse, 1990. p.13-22
- SCHIFKO, Peter. Lexicología y semântica. HOLTUS, Günther; METZELTIN, Michael; SCHMITT, Christian (Eds.). *Lexikon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1992.
- SCHOLZE-STUBENRECHT, Werner. Das Bildwörterbuch. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. (org.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.1103-1112
- SECO, Manuel. *Estudios de Lexicografía Española*. 2ªed. Madrid: Gredos, 2003.
- TRASK, Robert. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução Rodolfo Ilari. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ULRICH, Winfried. *Wörterbuch linguistischer Begriffe*. 5ªed. Berlin; Stuttgart: Gebrüder Borntraeger, 2002.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. 2ªed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. Semasiológica und enzyklopädische Definition im Wörterbuch. In: GÖTZ, Dieter; HERBST, Thomas (Eds.). *Theoretische und praktische Probleme der Lexikographie*. München: Max Hueber, 1984. p.382-407.

WIEGAND, Herbert Ernst. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. (eds.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989a. p.409-462.

\_\_\_\_\_. Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. (eds.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 462-501.

ZANATTA, Flávia. La calidad de las definiciones lexicográficas de cuatro diccionarios de americanismos. *Anuario brasileño de estudios hispánicos*, São Paulo, n.16, p.135-152, 2006.

ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*. Prague; Paris: Academia; Mouton, 1971.

ZVLI. ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2011.